

## Uma democracia de direitos



JOSÉ MANUEL PUREZA\*

**A**bril rima com direitos. E os direitos conquistam-se, não se tomam de dádiva benevolente. E os direitos perdem-se, não são nunca garantidos. Comemorarmos 50 anos do 25 de Abril é lembrarmos todas as conquistas - e tão custosas que foram! - de direitos e todas as retracções impostas aos direitos conquistados.

Direitos, desde logo, no mundo do trabalho. O direito ao trabalho, ele próprio, e o direito à greve, e o direito ao salário mínimo, e o direito à contratação colectiva, e o direito a apoio no desemprego, e o direito a um horário de trabalho, e o direito a um contrato de trabalho. Direitos humanos essenciais de quem trabalha, conquistados a pulso, e que foram sendo minados pelas vozes da “sensatez” e da “salvaguarda da saúde das empresas”. Cinquenta anos depois do 25 de Abril, o resgate do espaço pleno desses direitos é tão imperativo como a conquista de direitos de dignidade essencial para a multidão de precários, sobretudo jovens, trabalhadores de plataformas algorítmicas, trabalhadores por turnos, falsos bolseiros, tantos.

Direitos das mulheres, pois claro. O direito à autonomia económica, e à autonomia civil, e à autonomia do corpo, e à construção autónoma de projectos pes-

soais e familiares, e o direito a todas as profissões, e todos os direitos à igualdade e todos os direitos à diferença. A revolução passou - passa - por aqui. E hoje é por aqui que passa a vingança contra a revolução. Em todo o mundo - em Portugal também - a agenda do conservadorismo extremista põe os direitos das mulheres no centro do alvo. A resposta de quem comemora com convicção o 25 de Abril é manter a ambição e a mobilização porque a democracia ou é paritária ou não é democracia.

Direitos de quem tem menos para que a dignidade seja igual para todos. Direito à saúde, e à educação, e à habitação, e à reforma. Serviços públicos - com o SNS à cabeça - que são lugares por excelência da democracia, porque o direito do pobre é o mesmo que o direito do rico. 50 anos depois do 25 de Abril, o desafio é de qualificar e reforçar estes pilares da democracia que, para ser política, tem de ser económica e social e cultural.

Porque uma democracia não se celebra sem festejar o bom que é termos espaços de realização pessoal e colectiva a que chamamos direitos, esta é uma boa data para combater por todos eles. E para nos empenharmos na conquista dos novos direitos que a democracia exige, no espaço digital, na salvaguarda do clima e dos bens comuns, na fruição da cidade ou na “simples” garantia da paz.

Viva o 25 de Abril!

(\*) Professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, ex-vice-Presidente da Assembleia da República